

CEDI - P. I. B.
DATA 21/08/86
COD. YA/D59

AUTORIZAÇÃO DO CNPQ N° EX-18/81

AUTORIZAÇÃO DA FUNAI N° 042/81-PRES.

RELATÓRIO TÉCNICO-CIENTÍFICO DA
PRIMEIRA ETAPA DA :

PESQUISA ANTROPOLÓGICA SOBRE A UTILIZAÇÃO DO SOLO E
DOS RECURSOS NATURAIS E A REPRESENTAÇÃO DO TERRITÓRIO
NUMA SOCIEDADE INDÍGENA DO BRASIL: OS Y A N O M A M I

PIERRETTE ZIEGLER-BIRRAUX
VOLKMAR ZIEGLER

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS)
FONDS NATIONAL SUISSE DE LA RECHERCHE SCIENTIFIQUE (UNIVER-
SITE DE GENEVE).

JUNHO DE 1985

Í N D I C E

1. DADOS BÁSICOS E HISTÓRICOS DOS YANOMAMI DO MEIO PARIMI-U
 - 1.1. Localização
 - 1.2. Nome e língua
 - 1.3. Dados históricos
 - 1.4. População e habitat

2. SITUAÇÃO DO CONTATO
 - 2.1. Situação do contato com a sociedade envolvente
 - 2.2. Assistência da MEVA e da FUNAI

3. CONCLUSÕES
 - 3.1. Sugestões que possam trazer benefícios para as comunidades visitadas
 - 3.2. Orientações para a segunda etapa da pesquisa de campo.

4. PUBLICAÇÕES

5. FONTES DE REFERÊNCIA
 - 5.1. Fontes orais
 - 5.2. Bibliografia

1. DADOS BÁSICOS E HISTÓRICOS SOBRE OS YANOMAMI DO MEIO PARIMI-U*

1.1. LOCALIZAÇÃO

Os Parimi-theri, os Tãakai-theri, os Buutë-u-theri (do rio abaixo e do rio acima) e os Xarobi-theri constituem as cinco comunidades Yanomami que habitam a região do meio Parimi-u. Parentes entre si, mantêm antigas e frequentes relações, concretizadas por "caminhos em bom estado" segundo dizem. Os Buutë-u-theri e os Xarobi-theri vivem isolados e só em caso de extrema necessidade procuram contato com a missão de Parimi-u.

Parimi-u só é acessível de avião monomotor que parte de Boa Vista (1h. e 10min. de vôo), pois a navegação no rio apresenta obstáculos quase insuperáveis, devido às cachoeiras, corredeiras e cursos labirínticos. Somente os Yekuana** que habitam o alto Auaris e que são navegantes experimentados e intrépidos descem (mais ou menos uma vez por ano) o Parimi-u até Boa Vista, levando de 25 a 30 dias e dois a três meses para voltar. As raras expedições não indígenas que se aventuraram naufragaram e as vezes houve mortes.

As duas comunidades de Parimi-u construíram suas habitações a beira do rio, a uma hora e meia de canoa***, abaixo da embocadura do Buutë-u, onde o meridiano 63° atravessa o Parimi-u.

* Parimi-u: nome Yanomam do rio Uraricoera que vêm do nome Yekuana Farimi. Buutë-u: nome Yanomam do igarapé Cutaiba que significa o rio do mel. Parimi-u e Buutë-u designam também os lugares onde estão instalados os Parimi-theri, os Tãakai-theri e os Buutë-u-theri.

** O nome Maiongong lhes foi atribuído pelos Pemon. Eles mesmos se chamam Yekuana, Dekuana ou Soto. Yekuana é o termo mais empregado na literatura venezuelana ou etnográfica recente.

*** As distâncias indicadas correspondem ao tempo que os índios gastam (de canoa ou a pé). Para os "não índios" deve-se aumentar este tempo em 50% para ir a pé!

Sobre o Buutë-u, um yano foi erigido na margem esquerda na metade do curso do rio e ainda na planície, enquanto que outros dois estão agrupados na margem direita, no pé dos primeiros contrafortes dos montes dos Surucucus, onde os vales começam a se encaixar e a drenagem a se ramificar. A dois dias de canoa de Parimi-u, o lugar abaixo de Buutë-u I se localiza na floresta, a 10 minutos a pé do igarapé do mesmo nome, à beira de um igarapezinho, fonte de água preferida pelos Yanomami. Após dois dias suplementares a pé ou de canoa de Parimi-u, ao lado e vizinhos de um igarapezinho, descobre-se os dois yano do rio acima (Buutë-u II), separados do Buutë-u unicamente por um bananal que é inundado na estação das chuvas.

Os Xarobi são declaradamente "Dire-theri", homens da montanha, como são chamados pelos índios de Parimi-u. Os dois yano encontram-se longe de qualquer curso de água importante, sobre o entrerios que separa as nascentes do Buutë-u e do Hokomai-u (igarapé Pateba). Estes dois yano têm um pequeno anexo e estão encarrapitados numa das inúmeras colinas que se perdem no horizonte. Estão ligados aos Parimi-theri por um caminho direto que eles percorrem a pé em três ou quatro dias. Há um outro caminho que os liga em um meio dia de caminhada aos Buutë-u-theri do rio acima. Estão também ligados a diversas comunidades da região dos Surucucus entre as quais os Botomata-theri que ficam situados a dois dias de marcha a pé. Sua localização, o sotaque e suas alianças demonstram que pertencem tanto à região dos Surucucus quanto à região de Parimi-u. Entretanto, em caso de doença, eles não se dirigem ao posto indígena ou ao hospital dos Surucucus porque apesar de serem mais próximos e situados numa região habitada por ancestrais, o caminho para chegar até lá atravessa terras inimigas. Eles preferem, então, ir à missão de Parimi-u.

Segundo os Yekuana de Olomai e Auaris, não existia outros yano nas margens do Parimi-u, da embocadura do Auaris até à ilha de Maracá. Entretanto, há dois anos, duas comunidades, com as quais eles mantêm boas relações, instalaram-se no baixo Auaris: Nosampora, que fica a dois dias de canoa rio abaixo de Olomai, perto de uma grande cachoeira; e os Saguri-theri que encontram-se a uns trinta quilômetros rio acima da embocadura do Auaris. Estes dois yano não estão indicados no mapa da Funai de 1981 nem no Relatório 82 da Comissão pela Criação do Parque Yanomami. Os Nosampora construíram uma pista de pouso que, segundo um dos pilotos da Unevangelized Fields Mission é impraticável. O objetivo desta pista é atrair os missionários evangelistas. Um destes, Donald Borgmann, presente esporadicamente no sub-posto de Olomai foi contatado por eles e pretendia vaciná-los.

Finalmente, nenhuma informação válida não podia ser obtida sobre a população do Arakastona-u (rio Aracaçá), do Cuadu-u (igarapé Coatu) e outros afluentes do Parimi-u, habitados pelos Yanomami num passado recente.

1.2. NOME ET LÍNGUA

Eles se reconhecem como sendo Yanomam o que significa pessoa humana. A língua que cada comunidade fala com sotaques diferentes é também o Yanomam. Seja em Parimi-u, Buutë-u ou em Xarobi ninguém fala português.

Inicialmente, quando citados, o eram sob o nome de Waika ou Guaika, denominação que eles não admitem porque designa o inimigo, o índio bravo. Os Yekuana que geralmente foram os guias e informantes das expedições não indígenas na região os chamavam assim da mesma maneira que os Xiriana. Os Xiriana são Yanam que se autodenominam "Xirianpuk ou Xirixanpuk" o que ao contrário, significa "gente boa, gente mansa" (Migliazza, 1964). Nos anos 50, exploradores atribuíram-lhes os nomes de Guadema, Wadema ou Warema.

Hoje em dia, para os Sanumá do Alto Auaris, eles são Xamathari enquanto que ao contrário os Parimi-theri consideram seus inimigos do Parima, do Auaris e eventualmente do Arakastona-u assim como Xamathari ou ainda como Parahuri. Os termos Waika, Xamathari e Parahuri não são, ao menos nesta região do Brasil, autodenominações mas, antes de tudo, termos de qualificação dados pelos Yanomami a outros Yanomami inimigos ou temidos; qualificações que dependem da localização daquele que o utiliza e que indicam tanto uma direção quanto uma comunidade em particular (Smole, 1976).

Localmente, os habitantes de Parimi-u reconhecem entre eles duas comunidades, os Parimi-theri do rio acima e os Tãakai-theri do rio abaixo. Os primeiros, isto é os habitantes tradicionais do Parimi-u não se consideram mais como Parimi-theri "yai" isto é autênticos (à exceção da mulher mais idosa), porque eles são descendentes de duas mulheres Parimi-theri e de um homem Tãakai-theri chegado no Parimi-u no início do ano 30.

Em 1963, os outros Tãakai-theri vieram do Yawari-u, que é uma das fontes do rio Mucajaf, margem esquerda. Tãakai (falado Takaimak nas comunidades de Catrimani e Toototobi) é o nome da montanha onde o Yawari-u nasce.

Eles se autodenominam também de Arahai-theri, ao passo que os Maitha os chamam de Waika e os Parimi-theri Yawarip.

Os Parimi-theri chamam os Buutë-u-theri e os Xarobi-theri de Maitha que é o nome de uma cachoeira perto da qual ficava situado seu antigo yano. Eles chamam os Xarobi-theri de Dire-theri - aqueles que vivem na montanha, que só podem ser alcançados através de caminhos escarpados - ou Maracana. Este último nome origina-se de uma palavra Tupi que passou para a língua yanomam e designa uma espécie de papagaio. Não têm provavelmente nada a ver com os índios Maracana já desaparecidos e que, no século passado, dominavam o rio Uraricaá e depois, no início do século 20, a margem direita do Parimi-u.

1.3. DADOS HISTÓRICOS

As informações históricas sobre o povoamento da bacia do Parimi-u são raras e foram fornecidas por índios quase sempre não Yanomami aos exploradores que dificilmente conseguiram penetrar pelos afluentes do rio Branco em direção do entrierios Orenoco-Amazonas. Informações fragmentadas e levando às vezes a erros porque são baseadas em denominações tais como Waika, Schiriana ou Krischana e Guaharibo qualificando respectivamente os Yanomam, Yanam e Sanumá. Também porque inexistia nos tempos passados um conhecimento mesmo rudimentar da localização e do traçado dos rios e das montanhas. Assim, as informações da Comissão Portuguesa de Fronteiras de 1787 foram mal interpretadas.

Ao chefe desta expedição incumbia a exploração do extremo norte da Capitania do rio Branco, praticamente desconhecida dos portugueses e frequentada pelos castilhanos graças à facilidade de trânsito pelo alto-Parawa (rio Paragua) e alto-Uraricaã. Incumbia-lhe também executar os Tratados de 1750 e 1777 que fixavam a fronteira com a Espanha sobre a linha de separação das águas Orenoco-Amazonas. Percorrendo o rio Branco e seus numerosos afluentes*, ele constata que "Oaycás" vivem entre as nascentes dos rios Parime ou Marua (não confundir com o rio Parima, principal tributário do Parimi-u) e Majary (Amajari), isto é ao longo da serra Pacaraima, à leste do Uraricaã. Estes Oaycás mantinham boas relações com os espanhóis (Coudreau, 1887)**

* Ele sobe o Parimi-u até a embocadura do rio Uraricaã e depois este último até a serra divisória das duas bacias.

** Grupos Akawaio eram também chamados "Waika" pelos Pemon com os quais eles mantinham comércio. "Assim, artigos fabricados a oeste pelos Yekuana eram trocados a Georgetown por produtos europeus através de uma rede de trocas as quais levavam os Yekuana, Pemon e Akawaio isto é Kapon a estabelecerem contactos entre si". (Migliazza, 1980). Conforme Brett (1868), os Kapon, apesar de manterem contato principalmente com os holandeses, estão "em comunicação constante com os habitantes da Venezuela e do Brasil e com os colonos do Demerara, Surinam e Cayenne". O que demonstra o quanto viajavam e que possivelmente, durante uma destas viagens, acabaram por atingir as nascentes do Parime e do Amajari.

Isto não significa que os Yanomami não são antigos moradores da bacia do Parimi-u. Schomburgk (1841), o primeiro explorador conhecido que subiu em 1838-1839 o Parimi-u até a embocadura do Arakastona-u (rio Aracaça) e depois este tributário até as suas nascentes, descobre que no curso superior do igarapé Uruwé vivem os "Kirischana". As bocas do igarapé Uruwé se localizam rio acima da ilha de Maracá e as suas nascentes na serra Tocobiren, à alguns quilômetros das do Parawa.

"Uruwé", atualmente Puruê, é denominado Pîrî-wii-u em Yanomam, "pîrî" significando: morar, "wii": le lieu où, e "u": rio. O "Uruwé" se lança no Parimi-u, a meia distância da embocadura do Butê-u e da ilha de Maracá. Além disto os "Schiriana" do Uraricaá afirmam a Schomburgk terem vivido nas proximidades do Pîrî-wii-u, sobre a margem direita do Parimi-u, face à ilha de Kamuantade que poderia bem ser a mesma da embocadura do Hokomai-u (igarapé Pateba ou Iurua).

Além do mais, o explorador alemão afirma que o habitat central dos "Kirischanas" é la serra Parima. Mais para o oeste, ele qualifica de "antro de índios selvagens" o Wai-ina (Wainya) ou Uagna do Vinci (1954), um afluente do rio Merevari. Estes índios se revelam semelhantes aos dois "Waica" encontrados 73 anos mais tarde por Koch-Grünberg (1922 e 1923) entre o grupo de "Schiriana" a Motomotó. O antropólogo ouve rumores sobre estes Waica, os quais seriam numerosos sobre a outra margem do Parimi-u, nos montes Marutani (Urutanin) e também frequentariam a floresta ao sul de Parimi-u e da serra Parima.

Martius (1867), igualmente, situa "Oiaca, Uaica" no Parimi-u enquanto que a Comissão Demarcadora de Limites de 1882, percorrendo o Parimi-u até o Uraricaá e subindo este rio até as suas nascentes, descobre aqui que os "Uaycas, Uaicas, Guaycas" vivem no lado norte da linha de divisão das águas, i.è. no lado venezuelano. Quanto ao habitat dos "Schiriana" e "Waica" de Motomotó, segundo Koch-Grünberg e Polydoro Corrêa da Inspeção de Fronteiras (1927) tratar-se-ia das nascentes do Carucuri (Curucuri) que desemboca da serra Uafaranda no Parimi-u, rio abaixo da foz do Arakastona-u.

Motomotó se traduz como Pot-pot-mapii-u em Yanomam, e até hoje é provável que o curso superior do Parimi-u, onde ele recebe

as águas dos rios Parima, Auaris e Arakastona-u seja um cruzamento onde circulam Sanumá, Yanam, Yanomam, Yanomamí, Yekuana e Maku. O que leva Koch-Grünberg a afirmar a propósito dos "Schiriana" e dos "Waica" :

"Dispersos em pequenos grupos raramente amicais entre si, eles vivem no interior, nas vizinhanças dos afluentes das duas margens do Uraricoera, sobre o vertente sul das altas montanhas da serra Marutani (situadas na margem norte do mesmo rio) e nas nascentes do Uraricapará (Uraricaá), importante afluente da margem esquerda do Uraricoera. Na embocadura do Uraricapará, um de seus grupo me visitou em dezembro de 1911" (Koch-Grünberg, 1913)*

Assim ao que parece, os Yanomami descem sem hesitação de suas montanhas (Parima ou Urutanin) para visitar as comunidades estabelecidas sobre a outra cadeia ou mais simplesmente, para morar, percorrer e utilizar os recursos de um vale mais rico em caça e pesca que o habitat central. Tais observações fazem lembrar o que Luigi Cocco (1975) afirma do "Pais de los Cacaguales" do século XVIII, situado do outro lado da serra Parima e limitado pelos rios Orenoco, Mavaca e Siapa :

"Estes índios (os Yanomami) passavam do norte do Orenoco recém nascido ao sul, utilizando pontes por eles fabricadas, para exercer a coleta não só do cacao mas de outros frutos, raízes, grão e brotos".*

E assim que os Yanomami vão encontrar no alto Parimi-u, de maneira pacífica ou não, outros povos índios - os Maku e os Yekuana - os quais vindo do Auaris percorrem o rio no sentido longitudinal enquanto os Yanomami o atravessam.

Esta função de "cruzamento" do alto Parimi-u ressalta claramente quando da expedição de Hamilton Rice em 1925 : O geógrafo americano e sua equipe vão ali encontrar duas malocas Maku, uma Yekuana e um yano Yanomami. Três anos antes, o regatão brasileiro Cyro Dantas por sua vez identifica só uma maloca Yekuana em Tokoxim pora (Cachoeira Cajuma), pois o lugar lhe parece tão inquietante que ele deseja partir dali o mais rápido possível.

* Traduzido por mim

Os Yanomami assim contatados não arboram boas condições físicas o que se explica pelo fato de eles manterem relações com povos que devem viajar muito longe para exercer suas atividades de comércio. Das 51 pessoas recenseadas por Rice sobre o Ara-u (igarapé Linepenome), somente um visitante oriundo da margem direita do Parimi-u parece dispor de boas condições físicas. Impressão que foi também acusada por Koch-Grünberg quando do contato com os Yanomami de Pot-pot-mapii-u e corroborada pela tradição oral dos Parimi-theri. Esta tradição relata que nesta época (época em que a mãe idosa de vários habitantes atuais de Parimi-u morava sobre o Ara-u vivendo então os momentos de puberdade), os Ara-u-theri foram vítimas de epidemias "causadas por pajés".

A equipe de Rice encontra um outro yano ativo perto da cachoeira então batizada "Shiriana", sobre o rio Parima, não distante dos Surucucus e que comunicaria por um caminho com o dos Ara-u-theri. Do igarapé Axkat-kea-keamu (igarapé Cuegni) ao yano do Parima, múltiplos são os sinais concretos da presença indígena: tapiris abandonados, caminhos, pontes (tipicamente Yanomami). Ora, de cerca de 1920 à mais ou menos 1933, toda esta região é frequentada pelos Parimi-theri (chamados então Ara-u-theri) que viverão sobre diferentes afluentes do alto Parimi-u, sendo obrigados a se mudar constantemente em razão das epidemias provocadas, segundo eles, por magia.

Algumas delas serão obviamente provocadas pela própria expedição de Rice e os Yanomami, como os outros índios, sabem muito bem isto. Dois anos mais tarde, a equipe do Capitão Polidoro Corrêa Barbosa da Inspeção de Fronteiras, a primeira a se aventurar oficialmente tão longe, segue os rastros do geógrafo. Quando a expedição aborda as vizinhanças de Tokoxim pora, os Yanomami fogem e os Yekuana, todos doentes, retiram-se sobre o curso do Arakastona-u. Um deles é mesmo encontrado morto e a moléstia está também instalada entre os Maku do Curicuri :

"Os índios acreditam que os civilizados são portadores de moléstias porque muitos morreram após a passagem da expedição Rice. Foi este o motivo pelo qual a turma não encontrou na margem do Uraricoera os Xiriana que até pensaram em deter a sua marcha,

convidando-os (os Yekuana) para tal fim, e seguindo depois para a serra Parima afim de fazer identico convite aos guaraivos seus aliados" (Renato Barboza Rode, 1927).

Enquanto os Yekuana e os Maku aceitam de guiar os expedicionários, os Yanomami se escondem :

"Na descida, encontramos uma ubá tripulada por dois índios xiriana, que ao nos avistar abandonaram a ubá e penetraram na matta a dentro como duas antas bravias" (S.V. Tourinho Bittencourt, 1927).

Afim de socorrer "as populações abandonadas", o mesmo Tourinho Bittencourt, médico da Inspeção de Fronteiras, repete a proposição sempre atual de um outro médico, isto é a criação de postos de saúde itinerantes se deslocando a partir de uma base fixa.

No mesmo ano uma equipe da mesma expedição sobe o Uraricaá. Um dos seus membros, o tenente Joaquim Vincent Rondon, afirma que os únicos habitantes deste rio são os Yanomami que, depois de terem guerreado contra os Maku e os "Jaricuna" (Arekuna) mantinham com eles uma longa relação pacífica. Ele observa igualmente dois yano sobre o Erico e descobre que existem outros sobre o Coimin. Yekuana e Yanomami que são encontrados sofrem de uma gripe contraída quando de uma visita comercial aos colonos da ilha de Maracá e numerosas são as vítimas. Nenhum caso odontológico ou de paludismo é constatado mas a verminose é importante. Os raros contatos mantidos com não-índios são mais frequentes com os de San Vicente na Venezuela do que com os de Santa Rosa. Eles os fazem por um caminho de 60 km até o Parawa e daí descendo o rio durante dois dias. As trilhas entre os yano do Uraricaá, do Erico e do Coimin são também numerosas.

A Comissão Mixta Brasileira-Venezuelana Demarcadora de Limites sobrevoa o território Yanomami em 1939 quando à procura das nascentes do Orenoco (descobertas somente em 1951), acompanhada pelo explorador venezuelano Felix Cardona que nove anos antes percorrera a região desde o Parawa até o Ventuari sem no entanto passar pelo Parimi-u ou seus afluentes. Numerosos são os caminhos percebidos do alto entre os quais o que os Yanomami haviam traçado desde as fontes do Auaris até as do Orenoco ou

do Siapa, e que segue o dorso da divisória Orenoco-Amazonas. Mais um outro pondo em ligação as fontes do Traída e do Uraricaá e permitindo assim de se alcançar Maracá sem enfrentar os perigosos obstáculos do Furo de Santa Rosa.

Em 1944 um outro voô constata a existência de habitações índias à altura da metade do Auaris, no Arakastona-u e no Parimi-u (rio abaixo do Arakastona-u). Talvez as últimas pertençam aos "Samatares" que, 10 anos depois, despojam a equipe de Alfonso Vinci de todos os seus bens. Saindo do Uagna, afluente do Merevari cujas nascentes são próximas das do Arakastona-u, os exploradores encontram uma comunidade inteira sobre o entrerios Caura-Parimi-u, sem dúvida em "wayamu" (deslocamento de várias semanas para caçar e coletar). Eles devem caminhar uma semana em direção do sul para alcançar o yano situado sobre o Parimi-u na embocadura do Cuadu-u. Vinci relata a existência de tuberculose e que um catarro muito forte flagela a região.

Em 1950 uma expedição francesa da qual era membro Alain Gheerbrandt, viera igualmente do Uagna e descera o Cuadu-u e o Parimi-u até Maracá, acompanhada de três Yekuana e de um Sanumá. Na altura de uma impressionante cachoeira situada entre o posto de missão de Waika (fundado pouco depois) e a embocadura do Buutê-u, eles descobrem um habitat de "Guadema" com os quais os Yekuana mantem, excepcionalmente, boas relações. Apesar de estarem em guerra contra os Kaserapai (Yanam), os Yanomam consentem à acompanhar o grupo que, no dia seguinte, aborda ao longo do território dos seus vizinhos e inimigos. Estes, identificados pelos seus gritos, são postos em fuga.

Os Parimi-theri se lembram que nesta época dois dos seus tinham acompanhado os "Nabë" (Yekuana) e os "Kraiowa" (não-índios) à Boa Vista, e que ao retornarem um deles tinha morrido subitamente perto do Hokomai-u. Assim como eles se recordam dos inimigos Kaserapai, que atualmente moram nas proximidades do posto de missão de Mucajáí.

Ao fim da década dos 30, os Parimi-theri tinham vivido e depois se separado dos Yekuana, os quais se dirigiam seguidamente à Boa Vista daí trazendo a gripe e provocando a morte de vários

Yanomami. É possível que a animosidade dos Kaserapai contra os "Nabë", os "Kraiowa" de passagem e os Yanomam que com estes mantinham contacto, tenha as mesmas razões de ser. Os Parimitheri atravessam então o Parimi-u e constroem o yano sobre o igarapé que desemboca em frente do Nabë-keopë-u (o rio onde os "Nabë" naufragaram) e por eles chamado Hokolasë-kateupë-u ("Hokolasë" : tipo de palmeira; "kateupë" : remexer na água com os pés à procura de frutos; "u" : água, rio). Não muito longe de lá, rio acima, a ãhião-loxë (Waika), eles serão contactados pela primeira vez por missionários evangélicos americanos em 1957.

1.4. POPULAÇÃO E HABITAT

População do meio Parimi-u em 1982*

	<u>Parimi-u</u>		<u>Buutë-u</u>		<u>Xarobi</u>
	Par.	Tãa.	abaixo	acima	
Homens adultos	16	9	10	8	32
Mulheres adultas	22	8	6	5	19
Crianças masculinas	21	7	2	2	17
Crianças femininas	15	7	7	8	14
Total	74	31	25	23	82
	105		48		

Evolução da população Parimi-theri e Tãakai-theri: 1977-1982**

Conforme os missionários, à chegada deles em dezembro de 1976, tinha 89 Parimi-theri e Tãakai-theri, 6 foram em outras aldeias Yanomami. 3 vieram de outras aldeias.

1977	3 nascimentos	3 óbitos
1978	8 "	3 "
1979	7 "	3 "
1980	6 "	2 "
1981	7 "	2 "
1982	3 "	2 "
Total	34 "	15 "

89 + 34 nascimentos + 3 vindos de outra aldeia Yanomami = 126
 15 falecidos + 6 mudanças para outras aldeias Yanomami = 21

Total : 105

* Os recenseamentos ocorreram em março de 82 em Xarobi, em abril de 82 em Buutë-u e em maio de 1982 consultaram-se as fichas individuais postas em dia pelos missionários em Parimi-u.

** Fonte : Edith Moreira, MEVA, maio de 1982.

Habitat

Encarrapitadas e aglutinadas no cume de uma colina, as três habitações de Xarobi dividem o pouco de terreno plano disponível. O maior dos yano é constituído de 16 fogos ou 54 pessoas e o segundo, menor, de 9 fogos ou 28 pessoas, o que faz um total de 82 pessoas. O anexo, bem pequeno, só é utilizado por visitantes. Um Xarobi-theri de uns vinte anos vive de maneira quase permanente em Parimi-u e está incluído no recenseamento da missão.

Há indícios demonstrando que os Xarobi-theri vivem neste lugar só há dois ou três anos: a roça mais antiga data provavelmente da estação seca (outubro a abril) de 1979-1980; nenhuma floresta dos arredores foi tão utilizada como a de Parimi-u; e, no meio do caminho entre os Xarobi-theri e os Buutë-u-theri do rio acima, um velho yano desmoronado testemunhava, em março de 1982 o antigo "habitat" da comunidade.

Os dois grupos Buutë-u-theri geralmente se reúnem em seus dois yano do rio acima, os Buutë-u-theri I dirigindo-se à sua habitação do rio abaixo principalmente para celebrações. O velho yano de Buutë-u I abriga 25 pessoas ou 10 fogos. No novo yano de Buutë-u II vivem 23 pessoas ou 9 fogos. Há então um total de 48 pessoas mais um velho homem e sua filha casada que vivem e estão recenseados em Parimi-u.

Em julho de 1981, esta comunidade foi uma das maiores vítimas da epidemia de sarampo que causou a morte de 13 entre eles, ou seja 1/5 da sua população (vide capítulo 2.1.).

Os Parimi-theri o os Tääkai-theri vivem em Parimi-u desde o retorno da MEVA (Missão Evangélica da Amazônia) em 1977. Um primeiro contato foi realizado em 1959 em ãhião loxë (Waika), onde os missionários ficaram até 1964 tendo então que partir visto que, pressionados pelos "Parahuri" vindos provavelmente do Arakastona-u, do Baixo Auaris ou do Alto Parimi-u (Tokoxim-pora). Contatos intermitentes foram, entretanto, mantidos. Seriadamente atingidos pela malária e a tuberculose, as duas comunidades, procurando assistência, se estabeleceram em 1975 à Märi-yaupë-u, afluente da margem esquerda do Parimi-u, acima do posto atual. Eles começaram a construir uma pista de pouso e, assim, segundo Sandra Cue, convidaram os missionários a viver

entre eles a fim de obterem assistência médica, objetos manufaturados e para aprenderem as "histórias de Jesus", a ler e a escrever*. Conforme Edith Moreira, os casos de tuberculose têm origem nas relações que os Parimi-theri e os Tãakai-theri mantinham com os Yanom do Uraricaá, os quais estavam em contato com os garimpeiros.**As duas comunidades mudaram-se definitivamente para Parimi-u com a chegada dos missionários e com a morte de um de seus mais importantes "pata" (velho).

Os Parimi-theri e os Tãakai-theri vivem primeiramente num só yano, a mais ou menos 15 minutos a pé de onde se localiza atualmente o posto de missão, próximo das colinas e distante do rio Parimi-u. O abastecimento d'água é assegurado por um igarapezinho. Eles roçam a colina mais próxima para plantar e sempre retornam as suas antigas plantações situadas à beira do Parimi-u rio acima.

A fim de traçar a pista de pouso, os índios mudam para perto das obras, construindo então casinhas retangulares, imitações das dos missionários. Entretanto um grupo de Tãakai-theri continua vivendo num yano circular que também fica perto da pista. Em 1978, os Yanomami seguiram os missionários até o local de suas instalações atuais e constroem de novo casinhas retangulares. O local foi escolhido pela MEVA por causa das pedras das margens que facilitam o acesso do rio. O posto fica à cerca de 50 metros do Parimi-u.

No ano seguinte, a divisão à nível do habitat entre os Tãakai-theri e Parimi-theri torna-se flagrante. Os primeiros se distanciam e constroem uma grande casa circular no outro lado da pista de aterrissagem, distante de 20 minutos a pé do posto onde só retornam em caso de doença. Os Parimi-theri erigem um grande e um pequeno yano, assim como diversas casas retangulares.

* Comunicação oral de Sandra Cue que viveu 24 anos com os Yanomami como missionária-linguista da MEVA : à Waika de 1958 a 1964, em Surucucus de 1966 a 1976 e em Parimi-u de 1977 a 1982.

** Comunicação oral de Edith Moreira, MEVA, que viveu 15 anos entre os Yanomami : de 1967 a 1977 em Surucucus e de 1977 a 1982 em Parimi-u.

Em 1981, os Tãakai-theri constroem novamente um grande yano e em 1982 é a vez dos Parimi-theri. Em junho haviam 31 Tãakai-theri ou 8 fogos no yano de baixo, 35 Parimi-theri ou 10 fogos no yano de cima. Entre os dois yano e perto do posto de missão havia três casas rectangulares de 5 (1 fogo), 10 (2 fogos) e 14 (5 fogos) Parimi-theri e finalmente, duas casinhas redondas com 4 (2 fogos) e 6 (2 fogos) Parimi-theri.

Nas casas rectangulares há muito menos espaço para os seus ocupantes que nos yano tradicionais: as condições são mais precárias e não existe o local central destinado às festas. Esta última razão levou os Parimi-theri a novamente construir um yano tradicional. Enfim, não são todas as casinhas que têm um "pata" para transmitir a tradição oral e conduzir a comunidade em ações coletivas. Uma comparação entre Xarobi e Parimi-u mostra claramente que a primeira comunidade é mais coerente, mais sociável e menos passiva que a segunda.

Na região de Parimi-u e do Buutë-u, o yano é uma construção cônica cujo telhado é inteiramente fechado, menos uma pequena abertura no cimo para a fumaça, e uma ou duas janelas na cobertura (telhado). A armação é feita de troncos arramados uns aos outros com cipós. Pranchas recobertas de "bau hanakë" (folhas de ubim) cobrem a parede exterior. Os fogos familiares estão dispostos em volta da praça central, deixada livre, onde as crianças às vezes brincam e onde se realizam certas ceremonias. Ao lado de cada fogo, dispostos em triângulo ou em retângulo, as redes são suspensas nos troncos da armação ou a outros troncos fincados no chão especialmente para isto. Alguns utensílios distribuem-se pelas vizinhanças tais como : cestos, arcos, flechas, aljavas, cabaças, panelas, placas para beijú, facões e diversas facas. Fôlhas de tabaco, feitiços de plumas, ossos, cestos com carne defumada são suspensos. Em evidência estão os cachos de bananas. Nenhuma parede separa os compartimentos das famílias : são as regras de convivência que garantem a intimidade de cada uma e seu espaço não é nunca violado por um adulto a não ser que seja aí convidado.

Os homens de cada familia nuclear constroem a parte

da habitação que abrigará os seus. O yano constitui um dos artefatos mais elaborados da cultura Yanomami: reúne toda a comunidade e integra não só as atividades quotidianas e domésticas assim como as chamânicas, as cerimônias et as festividades. E là que ao amanhecer, quando todos ainda se encontram nas redes, que os "pata" tentam convocar todos a participar de atividades coletivas ou recitam os mitos e histórias, os "pata pèë wãri wii thĩ" (quando os anciões tornaram-se animais) e os "xapuri thĩ" (as histórias de xamã). Vasto, harmonioso e estabilisante, o espaço do yano é o abrigo de toda a comunidade e o lugar onde uma parte do saber e as normas indispensáveis à sobrevivência material e espiritual são transmitidos. A modificação deste habitat provoca a ruptura da transmissão dos valores e desequilibra a personalidade dos grupos e dos indivíduos.

2. SITUAÇÃO DO CONTATO

2.1. SITUAÇÃO DO CONTATO COM A SOCIEDADE ENVOLVENTE

A história recente dos Parimi-theri indica que eles tiveram contatos pelo menos indiretos com a sociedade envolvente em todo caso desde 1920. Seja através dos Yanam do Parawa (rio Paragua) ou do rio Uraricaã, dos Yekuana ou até mesmo dos Maku hoje desaparecidos, estes contatos esporádicos trouxeram sempre inúmeras doenças, contaminando os Parimi-theri; doenças tão frequentes que nos anos 30 a comunidade inteira foi ameaçada de extinção. Foi então precisa chamar um Tääkai-theri para ser repovoada. Este último fato indica também que o relacionamento entre os dois grupos é bem antigo.

Os Tääkai-theri ficaram nas fontes do rio Mucajaí e foram provavelmente preservados até 1963, quando mudaram para ãhião loxë - à beira do Parimi-u - perseguidos pelos Maraxi-theri e talvez atraídos pela presença da MEVA. A partir deste momento, as duas comunidades convivem juntas, visitando os mesmos aliados do Uraricaã e do Mucajaí e sofrendo os mesmos contágios. Convidam os missionários a morar de novo entre eles, porque a malária e a tuberculose atinge-os fortemente.

Não há informações de que no passado houve eventuais - mas pouco prováveis - contatos dos Buutë-u-theri e dos Xarobi-theri com a sociedade envolvente. Podemos supor, entretanto, que em 1975-1976 pelo menos alguns homens tiveram contatos com os garimpeiros e com os missionários em Surucucus. Isto porque um "pata" de Xarobi queria contar-nos "histórias de Jesus" em vez de falar sobre os mitos de seu povo.

Atualmente, homens das cinco comunidades vão à região de Boas Novas para manter as suas alianças e obter mercadorias. Estas são obtidas ou através da troca com os Yanam ou trabalhando para os garimpeiros. Assim os Parimi-theri e Tääkai-theri conseguem tudo o que não obtêm dos missionários e os "Maitha" tudo o que acham necessário. Simultaneamente há um grande risco de contrair doenças exógenas muitas vezes fatais para os Buutë-u-theri e os Xarobi-theri quase desprovidos de assistência médica.

A partir de Parimi-u, os índios precisam de cinco dias para ir a Boas Novas num caminho de mais ou menos 125 km. Sobem

o Parimi-u e o Mâri-yaupë-u, o primeiro afluente da margem esquerda rio acima do posto de missão. Nas cabeceiras deste igarapé, deixam as canoas, atravessam a pé as fontes do Pirí-wii-u (ig. Puruê), encontram aqueles do Erico onde de novo pegam a canoa para descer e depois subir o Coimin até Boas Novas.

Curiosamente, alguns Parimi-theri pretendem que Omam (o herói criador) viveu no Uraricaã e que os Yanam têm mais conhecimento dele que eles mesmo. A língua original dos Yanomami seria o "Xiriana". Pode ser que os Parimi-theri, antigamente, tenham vivido nesta região (ou que se deduz de sua tradição oral) ou que reconhecem as comunidades que tiveram mais contatos com os "Kraiowa" como tendo um estatuto superior.

Embora que vários Parimi-theri sejam casados em Mucajaí, as visitas nesta região são menos frequentes. Isto é positivo sendo a presença lá dos colonos do projeto Apiaú e consequentemente de tuberculose. Para ir lá, descem o Parimi-u pois sobem, sempre de canoa, o Xamë-thamë-u (ig. Tacuiquene), proseguem a pé até um pequeno afluente do Mucajaí, o Pe-wa-u que desemboca no rio cerca de onze quilômetros rio acima do posto da missão. Esta última descida novamente é feita de canoa. O comprimento do trajecto é cerca de 100 quilômetros.

Os Xarobi e Buutë-u-theri mantêm atualmente boas relações com os Botomata-theri, os Mayeba-theri e os Aykam-theri da região das Surucucus.

Estas alianças podem ser temporárias modificando-se ao mesmo tempo em que ocorrem as cisões, fusões ou migrações. Entretanto um fato continua intangível: o sistema socio-político Yanomami impõe que cada comunidade esteja aliada a seus vizinhos sob pena de sofrerem hostilidades. Estas alianças devem sempre ser reforçadas pelas trocas e concretizadas pelas festas. E assim por exemplo, que os objetos adquiridos em Boas Novas, Mucajaí ou na missão de Parimi-u circulem em inúmeras comunidades. Compreende-se assim a facilidade com a qual as doenças se propagam, doenças estas contra as quais os índios não são imunizados. Neste aspecto, a região das Surucucus e sua forte densidade de yano é particularmente vulnerável.

Destacamos ainda que Parimi-u pode também constituir-se num polo de entrada de epidemias, quando os índios enviados para Boa Vista para tratamento médico, retornam com outras doenças contraídas na cidade, como foi o caso em várias ocasiões.

Quanto às invasões que ameaçam os Yanomami do Parimi-u e do Buutë-u, eles se iniciam a partir dos dois projetos da CODESAIMA (Companhia de Desenvolvimento de Roraima), aquele da colonização Apiaú e o garimpo de Santa Rosa. Evitando assim o Furo do mesmo nome, muito perigoso e barreira natural contra qualquer penetração, os aventureiros podem subir facilmente o Parimi-u e seus afluentes. Isto nos mostra que os limites da área interdita são mínimos e que a presença dos projetos da CODESAIMA é diretamente responsável pela propagação de doenças mortais.

A pista de pouso de Waika, situada a um meio-dia de canoa de poupa rio acima de Parimi-u, construída depois abandonada pela MEVA, foi também utilizada clandestinamente por garimpeiros. Este acesso deveria ser suprimido com a criação do posto de vigilância da FUNAI no fim de 1981.

A epidemia de sarampo de 1981 é um exemplo da extrema vulnerabilidade às moléstias exôgenas dos Yanomami. Conforme à MEVA, o mal foi levado para o posto da missão por um Parimi-theri voltando de Boa Vista onde tinha sido mandado para ser tratado contra uma outra doença. Os missionários pediram aos Buutë-u-theri e a alguns Xarobi-theri, convidados para assistir a uma festa funerária, para ir embora antes que contraissem a moléstia. Os "Maitha" se recusaram em deixar os seus aliados antes de ter bebido o tradicional mingau de bananas. Assim foram contaminados e propagaram o sarampo em Buutë-u. Apesar da assistência imediata dada por parte dos missionários, depois pela FUNAI, ocorreram 13 óbitos a Buutë-u e o sarampo continuou alastrando-se até as Surucucus, Couto de Magalhães, Mucajaí e no vale do Ajarani (ESP. 28/07/1981). Conforme um médico responsável de uma das equipes de saúde da FUNAI, 27 Yanomami morreram.

2.2. ASSISTÊNCIA DA MEVA E DA FUNAI

Parimi-u é o domínio da MEVA (Missão Evangélica da Amazônia) que também está presente em Mucajai, Auaris e Olomai. A MEVA é financiada pelos fiéis de várias igrejas evangélicas norte-americanas, brasileiras e européias. Durante quase o ano inteiro dois a cinco missionários vivem em Parimi-u (menos três semanas durante as quais em que o posto está fechado).

As seis casas do posto encontram-se numa área completamente desflorestada onde foi plantada a grama, o que contrasta com as habitações Yanomami sempre rodeadas de campos de cucurbitáceas, de roças e de floresta. Estas instalações construídas com a ajuda dos índios, constituem-se de três residências, de um edifício que simultaneamente serve de escola e igreja e de um outro dividido entre a enfermaria e o depósito para a venda de objetos manufaturados. Existe ainda uma pequena casa para o motor de luz e uma grande pista de aterragem com um abrigo para o combustível. Todas estas construções são retangulares com paredes de madeira cujos telhados são de chapas galvanizadas.

O posto é servido pelas "Asas de Socorro", companhia aérea missionária utilizada pelo pessoal da MEVA e das Novas Tribos de Toototobi. Também os funcionários da FUNAI e as personalidades oficiais brasileiras foram transportadas pelas "Asas de Socorro" quando visitaram a área durante a nossa estadia.

As principais atividades da MEVA consistem na tradução da Bíblia, no atendimento médico, na alfabetização, na evangelização, na venda de produtos manufaturados, nas reuniões com os "pata" ("patamu") e em aulas de costura para as mulheres.

A tradução da Bíblia em língua Yanomam, iniciada pela linguista Sandra Cue, não é ainda terminada. Todos os missionários falam a língua dos índios e um método elaborou-se que permite a aprendizagem de uma série de frases relativas à vida quotidiana do posto.

Cada domingo, é organizado um culto que é seguido por aqueles que o desejar. Atividades especiais destinadas às crianças são também organizadas às tardes dos domingos.

Apesar destes esforços, o impacto direto da MEVA no domínio religioso nos parece reduzido.

Efetivamente, ele se manifesta mais no habitat (conforme o capítulo 1.4.), no comércio pela introdução do dinheiro e dos objetos manufaturados, assim como no aumento demográfico (conforme capítulo 1.4.).

Os Parimi-theri e os Tãakai-theri podem ganhar dinheiro trabalhando para os missionários principalmente na conservação das instalações e na venda de comida : carne, peixe, tubérculos e frutos. Eles também recebem dinheiro da FUNAI que comercializa o artesanato deles que é transportado pela "Asas de Socorro".

Em troca, eles podem obter no posto: facões, facas, linhas de pescar, anzóis, roupas, tecidos, panelas, fósforos, miçangas, lanternas, pilhas, etc. Nenhum alimento lhes é vendido. Armas de fogo e munições também não como o foi no início da missão de Waika. Nesta época, os índios utilizaram-nas em expedições bélicas contra outros Yanomami o que causou mortes assim sendo os missionários pararam com o seu fornecimento.

As aulas de alfabetização e de aritmética são dadas geralmente de manhã e de segunda feira a sábado. São destinadas às crianças de 6 a 11 anos e aos jovens de 12 a 25 anos. Os responsáveis são dois missionários. Nenhum Yanomami é monitor, nem auxiliar. A continuidade do funcionamento é irregular variando segundo a disponibilidade dos índios cujo número pode chegar a 30. O ensino é dado na escola que tem bancos e um quadro negro. E monolíngue Yanomam mas existe o projeto de introduzir o português.

Segundo algumas informações relativas aos "patamu" se nota que fala-se principalmente dos trabalhos a fazer na missão (conserto das construções), da preparação de festas tais como a festa de Páscoa organizada em 1982 com comida comum, de projetos coletivos como a construção de uma casa de farinha. Os missionários é que tomam estas iniciativas, como são eles que decidem pelas reuniões noturnas.

As aulas de costura são dadas às mulheres que aprendem particularmente a utilizar máquinas de costura para a confecção de roupas.

No plano sanitário, os Parimi-theri conheceram epidemias de origem exôgena mesmo bem antes de serem contactados. Já nos anos 30, eles foram dizimados pelas epidemias (conforme capítulo 2.1.). Em 1959, ao menos duas mortes foram causadas por uma epidemia de sarampo, provavelmente trazida por um garimpeiro que chegara da Venezuela. Em 1964 e 1966 a gripe provocou três mortes. A tuberculose é endêmica pelo menos desde 1965 e de 1979 a 1981 doze novos casos foram diagnosticados. Segundo Edith Moreira, (comunicação oral, 1982), os casos de tuberculose hoje estão sob controle mas foi muito difícil, necessitando uma assistência contínua. Em 1981, uma epidemia de sarampo grassou em Parimi-u e propágou-se noutros lugares tais como em Buutë-u (conforme capítulo 2.1.). Em 1982, uma disenteria bacteriana chamada shighella atacou pelo menos 53 Parimi-theri e Tãakai-theri (ou seja 50% da população do posto) e causou a morte de dois bebês de mais ou menos 10 e 15 meses. Uma equipe de três pessoas da FUNAI veio a dar seis aplicações de soro intra-venoso a recém-nascidos e levou para Boa Vista uma mulher em processo de aborto*. Três enfermeiras de outros postos da MEVA vieram ajudar. Se não fosse esta intervenção enérgica, os Xarobi-theri e os Buutë-u-theri teriam facilmente propagado a disenteria em direção das Surucucus.

Atualmente, as doenças mais frequentes são a malária e a gripe, sem contar as diarreias das crianças. A verminose é frequente apesar de um tratamento muito regular, enquanto que a onchocercose é desconhecida apesar da grande quantidade de pioms. Não há mais causas específicas de morte.

Parece que o infanticídio está em regressão sob a influência dos missionários. O infanticídio é praticado logo após o nascimento, quando a criança não é ainda considerada como um ser social. As razões, segundo Sandra Cue (informação oral, 1982) são : vício de conformação, ou é pequeno de mais; o pai não é o esposo da mãe; o bebê tem sexo que não é desejado, seja homem ou mulher; a mãe não quer o filho (por exemplo quando ainda amamenta

* Ao voltar, esta mulher trouxe a gripe para Parimi-u, entretanto esta doença não teve graves consequências.

um outro filho); a mãe é muito jovem para cuidar do bebê; o filho mais novo é muito doente. No primeiro caso, o infanticídio é quase certo; nos outros, depende dos pais.

Esta prática deve ser compreendida em função da educação dada às crianças: Quando têm pouca idade, recebem cuidados intensivos da mãe, que praticamente não se separa deles e amamenta-os durante três ou quatro anos. Os Yanomami consideram que uma criança que não receba tanto cuidado e atenção pode tornar-se frustrada. Eles são muito exigentes vis à vis das mães e aos cuidados que elas devem ter com os bebês. Nestas condições e tendo em vista dos trabalhos que eles devem fazer, lhes é difícil de criar vários filhos de uma vez.

A grande maioria das crianças nascem sem que haja complicações no parto. Este se passa na floresta ou próximo da habitação se é à noite. A parturiente pode estar só ou acompanhada de sua própria mãe ou de uma parente chegada. Às vezes, os habitantes de Parimi-u chamam os missionários. Durante a amamentação, as relações sexuais entre os pais são bem raras, o que constitui uma forma de controle de natalidade.

Uma missionária, de formação prática* atende os índios diariamente e em caso de dificuldade, há a possibilidade de se comunicar, por rádio, com a equipe da FUNAI em Boa Vista. Esta se desloca às vezes para fazer análises ou para realizar tratamentos especializados. Em caso de necessidade, a enfermeira de Parimi-u pode contar com a assistência profissional de outros postos da MEVA e da equipe da FUNAI.

A enfermaria dispõe de um bom estoque de medicamentos cuja maioria é fornecida pelo CEME. Alguns são comprados pelos missionários. Existe um sistema de fichas médicas individuais. Nenhum Yanomami participa do atendimento médico e os remédios são sempre administrados pelo pessoal da missão.

* Situação até junho de 1982.

A cobertura vacinal da população de Parimi-u é anotada no "Relatório Yanomami 82" (pag. 171). As vacinas foram aplicadas pela missão, excepto o BCG aplicado pela FUNAI nas datas seguintes: Sabin: Entre 25/9/79 e 12/12/79 - 3 doses e reforço.

BCG : 16/8/79

Triplíce : Entre 24/1/79 e 15/2/80 - 3 doses e reforço

Sarampo : 1981

Anti-variólica : 18/9/79.

A água potável existe em abundância e os Yanomami defecam a uma certa distância do yano. Os missionários tentaram, sem grande sucesso, introduzir fossas sépticas. A borrifação anti-malária com inseticida é feita duas vezes por ano.

Existem várias xamãs, muitas vezes solicitados, sendo que a maioria das doenças tem causas sobrenaturais para os Yanomami. O xamã canta e pula para chamar os espíritos ("hekura") auxiliares, esfrega o corpo do doente e tenta jogar fora a moléstia. Termina o tratamento vomitando um objeto - real ou imaginário - que representa o mal. Os Yanomami usam também plantas medicinais.

Não há relação entre o xamã e a enfermeira pois os índios sempre pedem remédios aos missionários e a ajuda aos xamãs. Cada um cura sem se preocupar com o outro. É feita a distinção entre doença de índio e doença de branco.

Os Xarobi-theri e os Buutë-u-theri vivem praticamente isolados entre o Posto Indígena de Surucucus (mais ou menos três dias de caminhada) e o posto da missão de Parimi-u. É para este último que eles vão em caso de doença grave pois para irem até Surucucus devem atravessar territórios inimigos.

Nestas duas aldeias, existe bastante água potável e nenhum tratamento é dispensado aos excrementos que são dispersos a uma certa distância do yano. Nenhuma borrifação anti-malária é feita. Não há medicamentos e são os xamãs que tratam a maioria dos doentes, da mesma maneira que em Parimi-u.

O parto, o controle de nascimentos e o infanticídio são praticados, tais quais que em Parimi-u.

A partir de fins de 1981, uma equipe médica da FUNAI efetua programa especial de vacinação e a cada dois meses va a Buutë-u

e Xarobi. Em abril de 1982 ela efetuara sua terceira visita. Transportada pela FAB, era composta de um médico da 10a Delegacia, de um laboratorista, de um dentista, do sertanista Francisco Bezerra, de um índio falando Yanomami e de quatro militares. O Francisco Bezerra também fala Yanomami. As vacinas aplicadas eram: Sabin, Tríplice, BCG e contra o sarampo. Os doentes eram tratados e a realização do programa está consagrada no registro da Casa do Índio de Boa Vista. Segundo o delegado Dinarte Nobre de Madeira, em junho de 1982, 80 Maitha (Buatë-u-theri e Xarobi-theri) em 130 estavam vacinados e tinha a intenção de intensificar o trabalho da equipe volante. Deve-se ressaltar que o dentista tinha pouco trabalho - os dentes dos Yanomami estavam em excelente estado.

Esta prevenção é tanto mais útil que, apesar do isolamento, os Xarobi-theri e os Buatë-u-theri estão expostos à doenças exógenas principalmente quando viajam para Boas Novas ou Mucajaí, assim como quando de suas visitas à Parimi-u. Tendo em vista as distâncias, podem passar vários dias antes que os responsáveis sanitários tenham conhecimento de epidemias. Quando os enfermos são numerosos (geralmente com mortes) as condições de tratamento são muito difíceis.

3. CONCLUSÕES

Sendo baseadas sobre dados coletados durante a primeira etapa da pesquisa, as conclusões seguintes são necessariamente provisórias.

São constituídas por uma série de sugestões resultando diretamente das minhas observações e entrevistas no campo, completadas por um trabalho bibliográfico e de arquivo.

A finalidade destas sugestões é primeiramente de trazer benefícios para as comunidades visitadas e, em segundo lugar, de orientar a próxima etapa do estudo.

3.1. SUGESTÕES QUE POSSAM TRAZER BENEFÍCIOS PARA AS COMUNIDADES VISITADAS

Tendo em vista o exposto e visando assegurar aos Yanomami do meio Parimi-u (rio Uraricoera) uma sobrevivência física e cultural, sugerimos que :

1. as campanhas de vacinação atualmente em curso continuem e que tudo seja feito para facilitar sua realização imediata e completa;
2. as visitas das equipes volantes de saúde existentes em 1982 em Buutë-u e Xarobi continuem, com um pessoal estável, apto a familiarizar-se com as comunidades e acompanhado de intérpretes Yanomami;
3. que no geral, a assistência dada seja móvel, adaptando-se, assim, ao modo de vida semi-nômade dos índios;
4. que o deslocamento de Yanomami a Boa Vista para tratamento de saúde seja evitado o quanto possível;
5. nos cursos dados em Parimi-u seja incluída a conscientização dos Parimi-theri e Tãakai-theri contra os

perigos que lhes correm por ocasião de contatos indiscriminados com a sociedade envolvente. Apesar de difícil, esta sensibilização poderia ser possível se começasse precisamente da má experiência que estas comunidades tiveram quando ocorreram as epidemias. Presupõe-se, evidentemente, um conhecimento mínimo da concepção indígena da doença.

6. Tendo em vista o papel preponderante que tem o habitat tradicional dos Yanomami na transmissão dos valores e na coesão das comunidades, a construção de yano deveria ser encorajada, em vez das casas menores do tipo regional.

3.2. ORIENTAÇÕES PARA A SEGUNDA ETAPA DA PESQUISA DE CAMPO

Este relatório (particularmente o seu capítulo histórico) demonstra que as questões relativas à ocupação do território, às migrações, às relações entre as comunidades e com a sociedade envolvente e, conseqüentemente, às epidemias, são intimamente ligadas entre elas na história recente dos Yanomami do meio Parimi-u.

Desde pelo menos o início do século, os Parimi-theri sofreram doenças exôgenas. Estas moléstias provocaram numerosas mortes e migrações. Assim, os contatos pelo menos indiretos dos Parimi-theri com a sociedade envolvente revelaram-se bem mais antigas do que tem-se conhecimento até agora.

A esses elementos históricos essencialmente baseados sobre as informações de índios não Yanomami colhidos nos escritos de exploradores e completadas por alguns dados fornecidos pelos Parimi-theri, deve corresponder um relato partindo dos próprios habitantes do meio Parimi-u segundo a sua própria lógica.

Neste sentido, diversos elementos já foram coletados mas devem ainda serem amplamente completados afim de poder ser feita uma publicação científica.

Sendo a grande mobilidade dos Yanomami do meio Parimi-u, estes complementos deverão ser procurados em diversos lugares do seu território.

4. PUBLICAÇÕES

Depois da minha primeira estadia no campo de pesquisa, eu participei à redação da introdução do "Relatório Yanomami 82" da Comissão pela Criação do Parque Yanomami, ao pedido da coordenadora da entidade, Claudia Andujar. Um exemplar deste documento é anexo ao presente relatório.

Outra publicações científicas são previstas. Elas serão redigidas deste que completada a pesquisa.

5. FONTES DE REFERÊNCIA

5.1. FONTES ORAIS *

SOGRA DE SARGENTO, Parimi-theri. Parimi-u, 1982.

UM PÊ, Parimi-theri. Parimi-u, 1982.

SARGENTO, Parimi-theri. Parimi-u, 1982.

PATA, Xarobi-theri. Xarobi, 1982.

PATA, Buutë-u-theri. Buutë-u, 1982.

XICO, Yekuana. Olomai, 1982.

LOURENCO, Yekuana. Olomai, 1982.

NOBRE DE MADEIRA, Dinarte, Delegado Regional, 10a Delegacia da FUNAI. Boa Vista, 1982.

CUE, Sandra, MEVA. Parimi-u, 1982.

MOREIRA, Edith, MEVA. Parimi-u, 1982.

5.2. BIBLIOGRAFIA

BARBOZA RODE, Renato : Inspecção de Fronteiras. Ministério da Guerra, Anexo 2 ao relatório do General Inspector, 1927.

BRETT, William H. : The Indian Tribes of Guiana. London, 1868.

COCCO, Luigi : Parima, dove la terra non accoglie i morti. Roma, 1975.

COMISSÃO PELA CRIAÇÃO DO PARQUE YANOMAMI : Relatório Yanomami 82. São Paulo, 1982.

* Conforme à tradição Yanomami, não são usados os nomes pessoais Yanomami.

CORRÊA BARBOZA, Polidoro : Inspecção de Fronteiras. Ministério da Guerra, Anexo 2 ao relatório do General Inspector. 1927.

COUDREAU, Henri A. : La France Equinoxiale II. Paris, 1887.

GHEERBRANDT, Alain : L'expédition Orénoque-Amazone, 1948-1950. Paris, 1952.

KOCH-GRUENBERG, Theodor : Abschluss meiner Reise durch Nordbrasilien zum Orinoco, mit besonderer Berücksichtigung der von mir besuchten Indianerstämme. Zeitschrift für Ethnologie, 1913.

Die Völkergruppierung zwischen Rio Branco, Orinoco, Rio Negro and Yapura. Festschrift Eduard Seeler, Walter Lehmann ed., Stuttgart, 1922.

Vom Roroima zum Orinoco. Stuttgart, 1928.

LOBO D'ALMADA, Manuel de : Descrição Relativa ao Rio Branco e ao seu Território, Anno de 1787. Revista do Instituto Histórico e Geográfico, XXIV. Rio de Janeiro, 1861.

LOPES DE ARAUJO, Francisco X. : Relatório da Comissão Demarcadora de Limites : Parima, 1879-1884.

MARTIUS, Karl F.P. : Beiträge zur Ethnographie und Sprachkunde Amerikas, zumals Brasiliens I. Leipzig, 1867.

MIGLIAZZA, Ernesto : A organização social dos Xiriana do rio Uraricaá. Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, N°22, 1964.

Languages of the Orinoco-Amazon Basin : Current Status. Antropológica 53, 1980.

RICE, Hamilton A. : The Rio Branco, Uraricoera and Parima. Reprinted from : The Geographical Journal, February, March and April, 1928.

RONDON, Joaquim V. : Inspecção de Fronteiras. Ministério da Guerra, Anexo 3 ao relatório do General Inspector, 1927.

SCHOMBURGK, Robert H. : Reisen in Guiana und Orinoco während der Jahre 1835-1839. Leipzig, 1841.

SMOLE, William J. : The Yanoama Indians : A Cultural Geography. University of Texas Press, 1976.

TOURINHO BITTENCOURT, Virgilio S. : Inspecção de Fronteiras. Ministério da Guerra, Anexo 3 ao relatório do General Inspector. 1927.

Trabalhos da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites, primeira divisão, nas fronteiras da Venezuela e Guianas britânicas e neerlandesa de 1930-1940. Memória apresentada ao IX Congresso Brasileiro de Geografia, reunido em Florianópolis, Sta Catarina, Setembro de 1940.

VINCI, Alfonso : Visages secrets de l'Amazonie. Paris, 1956.

ZERRIES, Otto : Waika : Die Kulturgeschichtliche Stellung der Waika-Indianer des Oberen Orinoco im Rahmen der Völkerkunde Südamerikas. München, 1964.